

ENTREVISTA



Conversando com a professora Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão

Ana Carolina de Freitas¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Luciana Trajano Leal Tenório²

Universidade Federal de Santa Catarina



Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão. Foto: Arquivo Pessoal (2024)

A professora Adja leciona na graduação em Letras-Espanhol e também dos programas de pós-graduação em Linguística e em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ela coordena o Núcleo de Lexicografia Multilíngue da UFSC. Foi professora convidada e professora visitante na Universidad de Valladolid na Espanha. Nos anos 90, foi tradutora de dublagem da Herbert Richers. Seus principais campos de estudo são a língua espanhola, o ensino de línguas não maternas, a lexicografia e os estudos da tradução. Recentemente foi vencedora do Prêmio PROPESQ Mulheres na Ciência, na área do conhecimento Humanidades, categoria plena em 2023.

¹ Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal Santa Catarina (PGET-UFSC). Professora colaboradora no Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste, *campus* Irati (Unicentro). E-mail anacarolzen9@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8192-0962>.

² Mestranda em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC). E-mail: trajanoluciana1@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-2004-9685>.

Para qual língua você se sente mais confortável em traduzir?

Normalmente, sobretudo quando se trata de um encargo tradutório de textos literários, sinto-me confortavelmente desafiada tanto para traduzir do espanhol para o português como também para fazer traduções inversas, ou seja, do português para o espanhol. Obviamente, no primeiro caso, principalmente quando os textos envolvem discursos mais formais, costumo me sentir como se estivesse passando uma tarde de primavera em um parque florido. No segundo caso, a sensação de conforto mistura-se ao peso de ter que lidar com texturas nem sempre fáceis de encarar, pois é preciso superar o trabalho de busca de equivalentes tradutórios nem sempre fáceis de identificar ou propor.

Quando tenho que me deparar com a tradução de textos de especialidade, independentemente do campo — jurídico, da saúde, turístico, administrativo, acadêmico, entre outros —, sempre me vejo pisando em ovos.

Você lê traduções de obras que você pode ler no original?

Leio sim, entretanto, sempre que posso, se tiver certo conhecimento da língua original em que o texto foi escrito, procuro confrontar original e traduzido. É divertido, aprende-se muito e, também, descobrem-se soluções tradutórias (positivas e negativas) às quais talvez eu não tivesse chegado por mim mesma.

Qual foi a primeira tradução que você fez? Qual a mais gratificante? Quais os problemas encontrados nessas traduções?

A primeira tradução que fiz derivou de uma situação totalmente acidental, tanto que no momento em que fiz esse trabalho, não tinha elementos para aquilatar a relevância do que estava fazendo, nem o impacto que teria no meu futuro. Essa primeira tradução foi realizada mais ou menos nos últimos anos da década de 80 do século passado, quando eu ainda estava começando a minha atuação profissional como professora de língua e cultura espanhola na cidade do Rio de Janeiro. Por morar longe do meu local de trabalho, eu tinha o hábito de chegar muito antes do meu horário de entrada, por isso passava bastante tempo na sala de professores do Instituto Brasileiro de Cultura Hispânica aguardando a hora de efetivamente dar aula. Numa tarde como qualquer outra, apareceu um senhor na secretaria desse lugar, perguntando por alguém que pudesse traduzir, com muita urgência, um documento que trazia consigo. Diante da indiferença de duas outras colegas que também aguardavam para iniciar suas aulas, eu pedi licença a esse senhor para fazer uma leitura rápida do texto em questão, que constava de três páginas redigidas em espanhol

e envolvia questões diplomáticas entre a Espanha e o Brasil. A tarefa seria traduzir esse texto para o português. Embora temerosa, achei que poderia pelo menos tentar.

Acho que não preciso dizer, mas estou dizendo: naquela época não existia nem um décimo dos inúmeros recursos dos quais os tradutores dispõem nos dias de hoje para facilitar e agilizar a construção de uma tradução — no caso daquela instituição, nem sequer um computador —, mas como havia ali vários dicionários impressos, muni-me de alguns deles e coloquei mãos à obra.

Eu comecei a traduzir e, ao mesmo tempo, fui conferindo termos e expressões por meio de consultas aos dicionários. Depois que fiz um rascunho da tradução a mão, comparei-a com o texto original, alterando e corrigindo algumas estruturas e palavras. Datilografei o mais rápido que pude uma nova versão e, quase duas horas mais tarde, bem no momento de eu entrar em sala, entreguei nas mãos daquele senhor o texto que ele, sentado por ali, esperava pacientemente.

Arrependi-me de ter me metido naquela situação, pois comecei a pensar que poderia ter cometido deslizes que, naquela ocasião, não teria condições de avaliar por mim mesma. Ele insistiu para pagar pelo trabalho, mas eu, intimidada, completamente inexperiente no mundo da tradução, não tive coragem de cobrar absolutamente nada, entre outras razões, porque nem sequer sabia quanto deveria pedir por aquele trabalho. Além disso, embora o meu primeiro “cliente” fosse um senhor cortês, como eu, ele também era inepto no assunto, pois me deu o encargo daquela tradução sem descrever o teor nem informar quem seria o seu receptor, destacando apenas que precisava que aquele texto fosse traduzido para o português.

Ele insistiu para que eu cobrasse pelo trabalho, contudo, diante da minha resistência, disse que tinha pressa para levar a tradução consigo, mas que voltaria para conversarmos. Eu não achei que ele realmente voltaria, principalmente depois que uma colega que também trabalhava naquela instituição comentou que, em vez de tirar proveito da situação, fiquei chupando o dedo!

Passados alguns dias, como relatei em um texto anterior (Durão, 2022, p. 90), aquele senhor voltou e pediu para conversar comigo. Quando me avisaram que ele estava de novo na secretaria do curso, eu comecei a imaginar que pediria para eu fazer outra tradução, mas não era isso o que ele desejava. Para minha surpresa, aquele senhor queria se apresentar: ele era embaixador da Espanha no Brasil, e veio me dizer duas coisas: primeiro, que avaliou a qualidade da tradução que eu havia feito como boa e, alegando que eu tinha sido capaz de fazer uma boa tradução naquelas circunstâncias, opinou que eu deveria investir nisso.

A segunda coisa que ele disse deixou-me de boca aberta: comentou que antes de eu fazer aquela tradução, um conhecido seu, dono de uma empresa de tradução e dublagem, havia pedido a ele a indicação de um bom tradutor de espanhol, e que resolveu indicar o meu nome para ocupar uma vaga de tradutora que estava para abrir nessa empresa. Palavra de honra: eu fiquei assustadíssima! A minha consciência de não ter formação para exercer tal função me fez querer sair correndo dali. Entre as coisas que vieram à minha cabeça estava principalmente o fato de eu lamentar ter cursado bacharelado e licenciatura em Letras Português-Espanhol, em 1983 e 1985 respectivamente, sem que minha formação universitária tivesse me propiciado qualquer tipo de preparação para o mercado da tradução, pois, em minha opinião, a oferta de formação para esse tipo de atuação profissional deveria ser absorvida pelos cursos de Letras.

Eu fui sincera e expliquei que a única experiência que tinha tido em tradução em minha vida até aquele momento era aquela. Ele riu e procurou tranquilizar-me, afirmando que sabia o que estava fazendo ao me indicar para o cargo.

Então, anotou o meu contato e retirou-se com a promessa de que alguém me procuraria para convidar-me para uma conversa na empresa, que só vim a saber qual era quando, de fato, me ligaram para falar do trabalho. Assim sendo, a primeira tradução que fiz aconteceu quando eu ainda não sabia absolutamente nada sobre como fazer uma boa tradução.

Minha experiência mais gratificante em tradução, sem dúvida alguma, envolve o período de tempo em que trabalhei para a empresa para a qual fui indicada pelo senhor de quem acabo de falar. Naquela época, essa empresa era responsável por 80% das traduções para dublagem e legendagem no Brasil. Ao atender ao contato feito pela Sra. Maria Helena de Oliveira, à época, gerente geral de dublagem da Herbert Richers, ela me explicou as características gerais da função e esclareceu que a política da empresa era capacitar os seus tradutores, ou seja, a própria Herbert Richers preparava seus funcionários para o exercício das funções relativas à tradução audiovisual³, ensinando, em cada caso, técnicas e procedimentos a serem adotados na tradução para legendagem, na tradução para dublagem⁴ e na tradução para

³ Doblaje y subtitulación, pero también *voice-over* y las modalidades con menor impacto en el mercado mundial [...] como la sobretitulación, el rehablado, la interpretación simultánea para festivales, el comentario libre la subtitulación para personas sordas o con discapacidad auditiva, la audio-descripción para personas ciegas o con discapacidad visual, la audiosubtitulación, el *fansubbing* y el *fandubbing* completan el mapa de la traducción audiovisual y se cobijan bajo este término. Otras prácticas profesionales relacionadas con la TAV, como la traducción de la publicidad audiovisual, la traducción de cómics (aunque sin componente acústico) o la localización de videojuegos, se han sumado recientemente (Chaume, 2015, p. 11-12).

⁴ La traducción para el doblaje es una modalidad de traducción audiovisual que se practica o consume en casi todo el mundo para traducir [...] filmes, series de TV de cualquier género, dibujos animados, pero también documentales o incluso *realities*, aunque estos dos últimos géneros también se traducen mediante el *voice-over* en muchos países dobladores (Chaume, 2015, p. 25).

voice over (vozes superpostas). Saber que a minha capacitação seria responsabilidade dessa empresa me deu tranquilidade para acompanhá-la na visita para me apresentar às instalações relacionadas ao trabalho que teoricamente viria a desenvolver ali.

Nessa visita, eu conheci algumas salas onde se realizavam traduções para *voiceover*, “tipo de tradução em que se coloca a voz de um locutor sobre a(s) voz(es) presente(s) no material original” (Durão, 2022, p. 91); uma das salas onde se fazia legendagem, “quando uma tradução escrita passa a fazer parte do texto fílmico de forma sincronizada com o texto oral/visual original” (Durão, 2022, p. 91); e uma das estações de trabalho de tradutores para dublagem, que fazem o “trabalho de substituição dos diálogos por nova falas na língua-meta a serem travados por atores / atrizes” (Durão, 2022, p. 92). Ao final da visita, ficou definido que eu iniciaria naquela empresa a minha jornada profissional como tradutora para dublagem.

A capacitação que me foi oferecida na Herbert Richers me preparou para que fosse tradutora de dublagem. Meu trabalho consistiria em traduzir telenovelas. Esse treinamento foi conduzido por um tradutor veterano da empresa que, lançando mão de roteiros, VHS e áudios (à época, fitas de rolo e fitas cassete) relativos a uma telenovela mexicana infantil que iria ao ar pelo SBT (em espanhol, *Carrusel*; em português, Carrossel), foi me mostrando como deveria agir para, durante os anos que se seguiriam, contribuiria assim para colocar o pão na minha mesa.

Destacando a especificidade da tradução audiovisual, o treinador me apresentou uma seleção de cenas de filmes que, para serem entendidas pelos telespectadores, dependeriam da sensibilidade dos tradutores. A dinâmica dos processos tradutórios de textos audiovisuais ultrapassa o nível da palavra escrita, sendo preciso, na tentativa de evitar incoerências entre o que aparece na tela e o que se fala, a necessidade de observação dos movimentos corporais com significado específico, as entonações enfáticas, os rituais de alimentação, religiosos ou de cortesia, etc., pois quando esses elementos não são compartilhados na cultura de origem dos filmes e na cultura dos espectadores da tradução, eles precisam ser esclarecidos com recursos da linguagem verbal.

Centrando-se nas tarefas do tradutor de dublagem, ele também esclareceu que, embora em muitas empresas estrangeiras o trabalho do tradutor de dublagem costume se restringir à produção da ‘primeira tradução’, ou seja, a tradução grosseira que ainda passará por outros dois profissionais da área — o linguista-corretor, que lerá a primeira tradução e corrigirá as inadequações linguísticas, e o ajustador, que mensurará a tradução com base no tempo disponível para cada emissão e nos movimentos de boca dos atores —, na Herbert Richers o trabalho do tradutor de dublagem acumulava essas três tarefas: a produção

da primeira tradução; a correção dos erros linguísticos nela identificados; e a realização da isocronia⁵ e da sincronia⁶, com a consequente produção da “segunda tradução” (que é a tradução já revista pelo próprio tradutor).

Ainda recorro alguns dos ensinamentos que me foram passados naquela etapa de capacitação, que, de certa forma, constituem uma síntese das tarefas que um tradutor de dublagem executa, a saber:

- concentrar a atenção no vídeo e no áudio, usando o roteiro escrito como apoio para a produção da tradução;
- avaliar e corrigir a primeira tradução (aspectos linguísticos, de isocronia e de sincronia);
- quando necessário, ampliar o texto da tradução, usando recursos tais como a criação de explicações, o uso de sinônimos, hiperônimos, etc.;
- reduzir a longitude do texto quando necessário, por exemplo, omitindo nomes, sobrenomes ou substituindo palavras por sinônimos, hiperônimos ou hipônimos, etc.;
- definir quando adotar o procedimento de estrangeirização (Newmark, 1988), mantendo a idiossincrasia cultural existente no texto original, ou o procedimento de domesticação (Newmark, 1988), por meio da substituição de elementos exóticos presentes no texto original por algo cotidiano na cultura da língua para a qual se traduz, ou, ainda, mediante a inclusão de explicações que não existem nos roteiros originais (licença poética) com o propósito de esclarecer passagens que pareçam estranhas, desestrangeirizando cenas culturalmente marcadas;
- definir quando manter os nomes próprios da forma como aparecem no texto original e quando substituí-los, sempre considerando se a escolha dos nomes de alguns personagens se baseia ou não em motivações relacionadas ao enredo;
- definir quando manter topônimos em sua forma original e quando traduzi-los, substituindo-os por nomes “domésticos” que apaguem conexões com os cenários nos quais os fatos ocorrem;
- decidir se traduzir ou não designações de comidas e bebidas, considerando que alguns nomes de alimentos têm referentes relacionados com a cultura dos lugares envolvidos.

⁵ Duração de tempo dos enunciados do texto base e os enunciados do texto-meta.

⁶ Coincidência da entre os movimentos articulatórios dos personagens que aparecem na tela e os movimentos articulatórios do dublador.

Outros ensinamentos compartilhados pelo treinador diziam respeito aos elos da ‘cadeia de montagem’ da tradução audiovisual⁷ que eu precisaria entender, a começar pelo papel do gerente de dublagem⁸, cuja responsabilidade envolve administrar os processos de tradução da empresa como um todo, definindo, por exemplo, quem traduz o quê, elaborar as planilhas de fluxo de trabalho, assim como tratar dos aspectos financeiros relativos a todos os envolvidos (diretores de dublagem, tradutores, dubladores, etc.)

Ele também explicou sobre o trabalho do diretor de dublagem, que começa pela assistência de cada obra, e passa pela definição dos atores/ atrizes dubladoras, cujas vozes substituirão as vozes da versão original. Sua responsabilidade também abrange a segmentação do texto traduzido em *takes*⁹, além de ter que introduzir, nos roteiros já traduzidos, símbolos paralinguísticos, que indicam quando atores/ atrizes terão que manifestar reações como tossir (T), rir (R), emitir o som de um beijo (B), entre outras, e, ainda, símbolos de colocação e procedência da voz, que indicam, entre outras coisas, quando os dubladores terão que falar, quando os personagens que dublam não aparecem de frente na tela (OFF), ou quando os personagens que dublam falam de frente na cena (ON). Cabe ao diretor de dublagem, portanto, controlar e supervisionar todos os aspectos artísticos da dublagem, assim como orientar cênica e artisticamente o dublador no processo de interpretação e harmonização da sua voz com a voz dos atores e atrizes que produziram a obra original, concretizando o processo de dublagem propriamente dito¹⁰. A diretora de dublagem de todas as telenovelas que traduzi, Ângela Bonatti, também era dubladora.

⁷ En el caso del doblaje para televisión, son las cadenas de TV quienes inician el proceso y, una vez firmados los derechos de emisión del producto con la distribuidora, buscan el estudio de doblaje para que inicie el proceso de producción del doblaje. En estos casos es mucho más habitual que sea el traductor quien se encargue también de la adaptación o ajuste, presentando un producto final más homogéneo y coherente. El proceso de producción del doblaje, una vez el estudio ha recibido la traducción adaptada, se cierra con la interpretación de dicha traducción por parte de los actores de doblaje, bajo la batuta del director de sala y con la inestimable ayuda del técnico de sonido, que se encargará de ensamblar las nuevas pistas de sonido grabadas durante el doblaje con las pistas de imagen y de música y efectos especiales del texto original, de modo que el producto final se envíe al cliente con la traducción incorporada al filme (Chaume, 2015, p. 29).

⁸ Na época em que trabalhei na Herbert Richers, a gerente geral de dublagem chamava-se Maria Helena de Oliveira.

⁹ Um *take* (ou *loop*), é um conjunto de enunciados que são agrupados em um mesmo segmento. A duração de cada take é definida pela capacidade de memorização dos atores e atrizes ou por critérios econômicos.

¹⁰ El doblaje consiste en la traducción y ajuste de un guion de un texto audiovisual y la posterior interpretación de esta traducción por parte de los actores, bajo la dirección del director de doblaje y los consejos del asesor lingüístico o ayudante del doblaje, donde esta figura existe (Chaume, 2015, p. 25).



Figura 2: Ângela Bonatti, dubladora.

Uma curiosidade que gostaria de destacar é que, naquela época, não havia computadores nas estações de trabalho onde os tradutores realizavam suas atividades. Sei que pode parecer estranho imaginar o desempenho de uma atividade tradutória tão sofisticada como a tradução audiovisual, tendo à disposição, para a sua produção, apenas máquinas de escrever manuais, gravadores de fita cassete (quando não, de rolo) e aparelhos de videocassete (VHS) conectados a uma TV de tubo. No começo da década de noventa era exatamente esse material que estava disponível na estação de trabalho de cada tradutor para dublagem. Assim, depois de fazer a primeira tradução numa máquina manual, de fazer a revisão idiomática e de proceder aos ajustes indispensáveis para que a tradução tivesse um mínimo de qualidade para ser levada para a direção de dublagem, às vezes se somavam tantas rasuras em cada página, que era preciso bater de novo todo o texto da página em questão numa máquina de escrever manual, então, até chegar à última versão da tradução como um todo, o trabalho poderia ter se multiplicado. Considerando-se que datilografar exige um esforço físico considerável, eu vivia, constantemente com os pulsos abertos. Não resta dúvida de que ter conseguido passar pelo crivo de um mercado de trabalho tão exigente, restritivo, seletivo e competitivo como o da tradução audiovisual, e de ter permanecido como funcionária da Herbert Richers por anos, exercendo a função de tradutora de dublagem, até que, por vontade própria, decidi pedir exoneração desse emprego para me dedicar exclusivamente à docência universitária, foi uma conquista profissional incontestável.

É possível sobreviver só traduzindo?

Sim, eu acho. Contudo, tanto naqueles dias como nos dias de hoje, poucos são os colegas da área de Letras que ocupam espaço no mercado da tradução, principalmente no que se refere à tradução audiovisual, que ainda continua a ser dominado por profissionais de outras áreas. Imagino que isso se deva à circunstância de que ainda hoje, de modo geral, os currículos dos cursos de Letras — Língua Estrangeira priorizam o desenvolvimento das quatro

habilidades linguísticas da língua objeto de aprendizagem —ouvir, falar, ler, escrever —, e não buscam desenvolver a competência tradutória dos estudantes, que é caracterizada por Hurtado Albir (2015, p. 19) como “conhecimento especializado, integrado por um conjunto de conhecimentos e habilidades, que singulariza o tradutor e o diferencia de outros falantes bilíngues não tradutores”. Se além de professores de línguas, um curso de Letras – Língua Estrangeira também tiver o intuito de formar tradutores, deverá oferecer um currículo que inclua um quadro de disciplinas que vise ao desenvolvimento do estudante para ler, interpretar e reconstruir em determinado idioma, textos originalmente produzidos em outro.

Quais obras você já traduziu?

As telenovelas que eu traduzi durante os anos em que fui funcionária da Herbert Richers foram as seguintes:

	
Título Original	<i>Rosa Salvaje</i>
Idioma Original	Espanhol 🇪🇸
Estúdio de Dublagem	Herbert Richers
Direção de Dublagem	Ângela Bonatti
Tradução	Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão
Data de Gravação	1991
Lugar de Dublagem	Rio de Janeiro, RJ 🇧🇷
País de Origem	México 🇲🇪
Ano	1987-1988 🇪🇸
Ano de Emissão	1991 🇧🇷
Episódios	200

Figura 3: Quadro resumitivo da tradução audiovisual da Telenovela **Rosa Selvagem**.
 Fonte: https://dublagem.fandom.com/wiki/Rosa_Selvagem (Acesso: 08/07/2024)

	
Título Original	<i>Simplemente María</i>
Idioma Original	Espanhol 
Estúdio de Dublagem	Herbert Richers
Direção de Dublagem	Ângela Bonatti
Tradução	Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão
Data de Gravação	1991-1992
Lugar de Dublagem	Rio de Janeiro, RJ
País de Origem	México 
Ano	1989-1990
Ano de Emissão	1991-1992 
Episódios	150

Figura 4: Quadro resumitivo da tradução audiovisual da Telenovela **Simplemente Maria**.
 Fonte: https://dublagem.fandom.com/wiki/Simplemente_Maria (Acesso: 08/07/2024)

	
Título Original	<i>La Fiera</i>
Idioma Original	Espanhol 🇪🇸
Estúdio de Dublagem	Herbert Richers
Tradução	Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão
Data de Gravação	1992
Lugar de Dublagem	Rio de Janeiro, RJ 🇧🇷
País de Origem	México 🇲🇽
Ano	1983-1984
Ano de Emissão	1992 🇧🇷
Episódios	230

Figura 5: Quadro resumitivo da tradução audiovisual da Telenovela **A fera**.
 Fonte: https://dublagem.fandom.com/wiki/A_Fera (Acesso: 08/07/2024)



Título Original

Alcanzar una estrella

Idioma Original

Espanhol 

Estúdio de Dublagem

Herbert Richers

Direção de Dublagem

Ângela Bonatti

Tradução

Adja Balbino de Amorim

Barbieri Durão

Lugar de Dublagem

Rio de Janeiro, RJ 

País de Origem

México 

Ano

1990 

Ano de Emissão

1992 

Episódios

160 capítulos

Figura 6: Quadro resumitivo da tradução audiovisual da Telenovela **Alcançar uma estrela**.

Fonte: a autora



Figura 7: Quadro resumitivo da tradução audiovisual da Telenovela **Maria Mercedes**.
Fonte: a autora

Fora do âmbito da tradução audiovisual, e da tradução juramentada, na função de tradutora pública e intérprete comercial no idioma Espanhol que exerci depois de ter sido aprovada em concurso público, eu priorizei nesta entrevista as perguntas relativas ao que expus anteriormente, mas gostaria de destacar, ainda, alguns textos que traduzi em suporte impresso:

Nome do livro	Autor / Editor	Nome do livro traduzido	Tradutores	Editora	Para qual língua
Relato del nuevo descubrimiento del famoso rio grande por el capitán Francisco de Orellana	<i>Frei Gaspar de Carvajal</i>	<i>Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande pelo capitão Francisco de Orellana.</i>	Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão	Scritta Editorial / <i>Embaixada de España</i>	Do espanhol para o português
A educação dos profissionais de saúde na América Latina: Teoria e prática de um movimento de mudança (Tomo 1 – Um olhar analítico)	Márcio Almeida; Laura Feuerwerker; Manuel Llanos C.	La educación de los profesionales de la salud en Latinoamérica: Teoría y práctica de un movimiento de cambio. (Tomo 1 – Una mirada analítica)	Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão; Azucena Oberdiek; Beatriz Labela; Rosana Corrêa Dias.	Editores Hucitec; Lugar Editorial; Editora UEL.	Do português para o espanhol
La educación de los profesionales de la salud en Latinoamérica: Teoría y práctica de un movimiento de cambio (Tomo 2 – Las voces de los protagonistas)	Márcio Almeida; Laura Feuerwerker; Manuel Llanos C.	A educação dos profissionais de saúde na América Latina: Teoria e prática de um movimento de mudança (Tomo 2 – As vozes dos protagonistas)	Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão; Azucena Oberdiek; Beatriz Labela; Rosana Corrêa Dias.	Editores Hucitec; Lugar Editorial; Editora UEL.	Do espanhol para o português
Semina. Revista Cultural e Científica da Universidade Estadual de Londrina. I Encontro Latino-americano de estudantes UNI. Volume 15. Edição Especial.	Centro Brasileiro de Estudos da Saúde (CEBES)	Semina. Revista Cultural y Científica de la Universidad Estadual de Londrina – I Encuentro Latinoamericano de Estudiantes UNI, volumen 15. Edición Especial.	Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão;	Editores UEL	Do português para o espanhol
Coca-Cola: 50 anos com arte	Lucia Rito; Wilson Coutinho.	Coca-Cola: 50 años con arte	Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão;	Editores Gráficos Burti	Do português para o espanhol

Quadro 1: Relação de alguns livros traduzidos. Fonte: a autora

REFERÊNCIAS

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. A minha decisão foi cursar Letras (Português-Espanhol). In: Goes de Andrade, Otávio (Org.). **Políticas linguísticas e a formação em Letras Espanhol no Brasil. Homenagem à Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão**. Londrina: Engenho das Letras, 2022. p. 41-129.

CHAUME, Frederic. La investigación en normas matriciales de traducción para el doblaje. In: CEREZO MERCHÁN, Beatriz; CHAUME, Frederic; GRANEL, Ximo; MARTÍ FERRIOL,

José Luis; MARTÍNEZ SIERRA, Juan José; MARZÁ, Anna; TORRALBA MIRALLES, Gloria (Eds.). **La traducción para doblaje en España. Mapa de convenciones**. Castelló de la Plana: Publicaciones de la Universitat Jaume I, 2015. p. 11-23.

CHAUME, Frederic. La traducción para el doblaje. *In*: CEREZO MERCHÁN, Beatriz; CHAUME, Frederic; GRANEL, Ximo; MARTÍ FERRIOL, José Luis; MARTÍNEZ SIERRA, Juan José; MARZÁ, Anna; TORRALBA MIRALLES, Gloria (Eds.). **La traducción para doblaje en España. Mapa de convenciones**. Castelló de la Plana: Publicaciones de la Universitat Jaume I, 2015. p. 24-36.

HURTADO ALBIR, A. **Aprender a traducir del francés al español: competencias y tareas para la iniciación a la traducción**. Madri: Edelsa, Grupo Disdocalia, 2015.

NEWMARK, Peter. **A textbook of translation**. Nova York; Londres; Toronto; Sydney, Tokyo: Prentice Hall, 1988.

